

Verônica Lima Nogueira da Silva

O superministro: construção da personagem José Dirceu em O Globo durante episódios do Mensalão

Artigo produzido para a disciplina Processos Interpretativos da Comunicação, ministrada na Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília pelo professor Luiz Gonzaga Motta, no 1º semestre de 2007

Palavras-chave: Dirceu, Mensalão, personagem

Sinopse:

Sob a perspectiva de que notícias formam um encadeamento de narrativas recortadas, porém alinhavadas com certa coerência e unidade, esta pesquisa trabalha com a idéia de que, ao narrar sua versão da realidade, a mídia atua como o autor de um livro de ficção: escolhe o narrador, constrói o enredo, define a trama e caracteriza as personagens. Neste trabalho, buscou-se verificar a forma como o jornal *O Globo* construiu a personagem José Dirceu durante dois momentos do episódio de escândalo político-midiático que ficou conhecido como Mensalão. De ministro-chefe da Casa Civil do Governo Lula, Dirceu sai do Governo e depois é cassado. O objetivo desta pesquisa é, portanto, analisar como foi feita, por *O Globo*, a caracterização de Dirceu nesses dois momentos, em que passa ao primeiro plano da história contada pelo jornal.

INTRODUÇÃO

O mundo “real” só pode ser vivenciado pelo indivíduo de forma imediata no âmbito restrito de relações informais de caráter afetivo (para os colegas ou amigos) e de polidez cotidiana (com o motorista do táxi, o porteiro do prédio, etc.). As demais experiências de realidade e atualidade devem ser satisfeitas por meio de instrumentos, processos e recursos de produção, seleção e edição da informação de massa, que levam até o cidadão um universo mediato e midiático, a que Gomes (2004, p.324) chamou de “mundo-em-página” ou “mundo-em-tela”.

De fato, em tempos de internet e convergência tecnológica, o leitor/espectador tem acesso a uma gama de informações sobre diversas culturas e regiões do planeta que, sem o suporte dos meios de comunicação de massa, poderia, tão-somente, imaginar. *“Ao mundo real, ou ao quadro de realidade atual do mundo naquilo que dele supera o trecho da minha experiência por imersão corpórea, só temos acesso a partir da atualidade midiática.”* (GOMES, 2004, p.325)

O indivíduo estaria, então, segundo Gomes (2004), à mercê dos meios de informação disponíveis, para experienciar o mundo além de seus limites corpóreos e de suas possibilidades espaciais. Por não dispor de uma visão diversa, exterior e superior àquela do conjunto desses meios, ele seria incapaz de aferir a veracidade dos dados recebidos. Gomes alerta, entretanto, para a ferramenta de que dispõe o leitor/espectador para minimizar os efeitos dessa dependência: a confrontação de um veículo com os outros, uma vez que o universo da comunicação de massa não é uma entidade monolítica, com apenas uma visão e interpretação da realidade. A cada veículo – cada qual com sua linguagem (rádio, TV, internet, impresso), seu público alvo (grande imprensa, jornal de bairro, veículos empresariais), seus interesses e posições políticas –, corresponderia uma *versão* do mesmo fato *narrado*.

Essa perspectiva trabalha com a idéia de que as notícias são um encadeamento de *“narrativas sobrepostas e fugazes, mas provisoriamente coerentes e unitárias”*. (MOTTA, 2006, p.67). Ao narrar sua versão da realidade, a mídia atua, portanto, como o autor de um livro de ficção: escolhe o narrador – em geral, o próprio jornalista que escreve a matéria, mas pode também ser o entrevistado, ou o editor –, constrói o enredo, define a trama e caracteriza as personagens.

1.1 – PERSONAGEM

Foster (*apud* BRAIT, 1998, p.40) encara o ser fictício como um entre três elementos estruturais essenciais da narrativa, além da intriga e da história. Por uma concepção de obra como sistema, busca analisar a personagem na sua relação com as demais partes da obra, e não por referência a elementos exteriores. Assim, os entes ficcionais são percebidos como seres de linguagem.

É importante ressaltar que, no caso do jornalismo, as personagens, apesar de construídas como seres de linguagem que ganham coerência por meio de suas relações com os demais elementos da narrativa elaborada pelo jornal, representam pessoas com existência real. Ainda assim, o que importa, defende Motta (2007), não é o que a pessoa real é, fez ou deixou de fazer, mas como a narrativa jornalística chegou àquela imagem do indivíduo retratado e como aquela personagem atuou no desenrolar da narrativa jornalística.

Neste trabalho, buscou-se verificar a forma como *O Globo* construiu a personagem José Dirceu durante dois momentos do Mensalão. Quando das primeiras denúncias feitas pelo então presidente do PTB, Roberto Jefferson, em entrevista de 6 de junho de 2005 para a Folha de S.Paulo, José Dirceu era o ministro-chefe da Casa Civil. Em algumas semanas após a entrevista, Dirceu sai do Governo, retornando ao exercício de seu mandato como deputado federal. Cerca de seis meses depois, seria cassado na Câmara sob a acusação de chefiar o esquema do Mensalão. O objetivo desta pesquisa é, portanto, analisar como foi feita, por *O Globo*, a caracterização de Dirceu nesses momentos, em que passa ao primeiro plano da história contada pelo jornal.

2. A PERSONAGEM DIRCEU

A análise da personagem José Dirceu em *O Globo* foi feita com base em cópias dos jornais publicados entre 9 e 18 de junho de 2005 – período referente ao início das acusações a Dirceu até sua saída do Governo – e entre 30 de novembro e 4 de dezembro do mesmo ano – votação no plenário da Câmara e repercussão da cassação de Dirceu. O jornal dedicou amplo espaço à caracterização do político, que passara, nesses dois momentos, a protagonista da narrativa sobre o Mensalão.

2.1 – CARACTERIZAÇÃO

Dirceu, José Dirceu, ministro, ministro-chefe da Casa Civil, chefe da Casa Civil e ministro da Casa Civil. Antes da saída de Dirceu do Governo, em que ele não é ainda peça-chave na narrativa do Mensalão, essas são as únicas maneiras pelas quais o jornal se refere a ele. Vale ressaltar, entretanto, que, já nesse momento, o termo *chefe* da Casa Civil aparece com mais frequência do que *ministro* da Casa Civil. Esse pode ser tomado como um primeiro indício da caracterização que será apresentada a seguir, em momento mais crítico do episódio. Esta, que aparece pela primeira vez com mais evidência quando da saída de Dirceu da Casa Civil, usa adjetivações como “homem forte do PT”, “eminência parda do presidente Luiz Inácio Lula da Silva no partido e no Planalto”, “todo-poderoso”, “gerentão do governo”, “timoneiro da travessia que levou Lula ao governo”, “quase um primeiro-ministro, alma e cérebro do governo”, “a expressão e a fonte do poder”, “o mestre do pragmatismo que botou o PT e Lula lá” e “capitão do time” para construir a imagem de “o superministro do Governo Lula”. Segundo o jornal, Dirceu seria o articulador político que teria mudado o perfil do PT e levado Lula à Presidência. O texto é rico em adjetivações que confirmam essa personalidade centralizadora, forte e arrogante do político.

A idéia de homem com características sobre-humanas está presente no discurso do jornal:

Uma de suas revoltas, a versão de que ele perdeu a coordenação política depois do caso Waldomiro Diniz, quando na verdade esta decisão fora tomada pouco antes, em janeiro, diante da evidência de que as duas tarefas eram demais para um homem só, **ainda que chamado Dirceu**. (*O GLOBO*, 17 jun, p.8 – grifo nosso).

O próprio político se vangloria de sua força: “*Fiquei dois meses com gesso no braço, mas podia ficar o resto da vida, o que mostra minha capacidade de adaptação a*

situações indesejáveis. É para meus adversários verem do que sou capaz’ – abril de 2003.” (O GLOBO, 17 jun, p.8).

Contribuindo para a imagem de homem poderoso, vale apontar a foto publicada, com destaque, assim que anunciada sua saída do Governo (O GLOBO, 17 de jun, p.8)¹ e, novamente, quando de sua cassação (O GLOBO, 1 de dez, p.10)². Nos dois momentos, a foto estava inserida em uma página do jornal totalmente dedicada ao resgate do histórico de Dirceu. Conforme indica a legenda que acompanha a segunda publicação, a foto é de 2003, quando Dirceu estaria “*no auge do poder*”. De óculos escuros, o então ministro da Casa Civil aparece sentado em um helicóptero com a porta aberta. Em um plano mais alto do enquadramento, olha para baixo com expressão séria. Inserida junto a textos que enfatizam a sua força e militância, a foto contribui significativamente para a construção da imagem de homem poderoso.

Na fala dos adversários políticos, aparece a idéia de articulador: “*Dirceu é meu inimigo. Mas reconheço que ele é o quadro mais bem preparado do PT, para o bem ou para o mal. É ele quem conhece a máquina e quem é capaz de grandes articulações – avalia a senadora Heloisa Helena (PSOL-AL)*”. (O GLOBO, 17 jun, p.9). E de poderoso consilheiro: “*Chamando Dirceu de Rasputin – monge que exerceu uma enorme influência no império russo – Jefferson pediu que ele abandonasse o governo imediatamente...*” (O GLOBO, 15 jun, p.12). Na do presidente, a idéia de líder: “*Chamado de comissário, Rasputin e, pelo próprio Lula, ‘de capitão do time’, Dirceu [...]*” (O GLOBO, 17 jun, p.1). Por sua vez, o jornal inclui Dirceu na lista de “*eminências pardas*” de presidentes brasileiros. Em matéria intitulada “*O Golbery do presidente Lula*”, compara-o a Golbery do Couto e Silva, ministro da Casa Civil de Geisel e Figueiredo, enfatizando a influência que exercia sobre as decisões dos presidentes militares. (O GLOBO, 17 jun, p.9).

A caracterização inclui traços de arrogância, que aparecem na fala de adversários, ressentidos por não terem tido acesso ao espaço de poder mantido a sete chaves por Dirceu.

‘Ele nunca me atendeu. Só recebia em seu gabinete na Casa Civil pessoas que lhe interessavam ou de quem esperava receber lucro [...]’ Max Rosenmann, deputado federal (PMDB-PR), que depois de receber a carta de defesa de Dirceu, devolveu-a ao gabinete do ex-chefe da Casa Civil com um bilhete: ‘O senhor nunca atendeu às ligações. Sempre foi de um silêncio indelicado. Nunca tive uma resposta do senhor. No meu gabinete, não aceito sua defesa’. (O GLOBO, 30 nov, p.4).

¹ Ver anexo I

² Ver anexo II

E também no discurso do jornal: *“Humilhou alguns, angariou antipatias”*. (O GLOBO, 17 jun, p.8).

Na construção do jornal, Dirceu é, ainda, homem guerreiro, militante, que luta pelo que quer e pelo que sonha. A idéia de lutador aparece quando da saída do Governo e ganha evidência no momento da cassação, pois, ao invés de renunciar, Dirceu insiste em defender sua inocência. Para Lula, a renúncia seria menos prejudicial, uma vez que os diversos recursos judiciais que postergavam a decisão impunham tensão sobre o Governo.

“Vou continuar governando o Brasil como deputado e como dirigente do PT. Sei lutar no Planalto e na planície” (O GLOBO, 17 jun, p.1). Essa fala de Dirceu ao sair do Governo aparece na chamada de capa e na manchete do jornal: *“Dirceu cai após denúncias e vai se defender ‘na planície’”*. Por sua vez, *“A batalha na planície”* virou vinheta das matérias sobre a cassação publicadas em 1º de dezembro, ficando *“O dia seguinte da batalha na planície”* registrado no mesmo espaço do dia 2. O título no alto da página³ em que está a íntegra do discurso de Dirceu na tribuna da Câmara antes da votação que decidiu pela cassação de seu mandato destaca o seguinte ponto da fala do político: *“Não aceito e vou lutar até o fim da minha vida”* (O GLOBO, 1º dez, p.8A).

O sonho também é um elemento forte na narrativa pessoal e política de Dirceu. *“José Dirceu de Oliveira e Silva subiu a rampa do Planalto carregando os sonhos de sua geração, lembrando-se dos que tombaram ser ver aquela hora: a chegada da esquerda ao poder com Lula.”* (O GLOBO, 17 jun, p.8).

Por fim, vale ressaltar outra importante característica da construção da personagem: a imagem de Dirceu não pode ser dissociada de outros dois elementos da narrativa, o PT e o Governo Lula. Sua história recente se confundiria com a do PT, porque teria sido ele o principal responsável pela vitória nas eleições presidenciais de 2002, devido à sua capacidade de articular alianças e à transformação que teria operado no partido. Dessa forma, atingi-lo é atingir o PT, e sua saída é vista como uma estratégia para resguardar o Governo Lula. *“Fora do Planalto, estou livre para defender o governo, a minha honra e o PT – disse Dirceu.”* (O GLOBO, 17 jun, p.5). O jornal confirma a inter-relação: *“Saindo, entretanto, pode prestar a Lula, ao PT e ao governo colaboração maior que os serviços prestados como ministro”*. (O GLOBO, 17 jun, p.8).

³ Ver Anexo III

2.2 – ATUAÇÃO DE DIRCEU

A análise da narrativa do jornal revelou que, nos dois momentos em que o jornal traz Dirceu para o primeiro plano da narrativa, os atos ilegais de que o político é acusado não saltam também para o primeiro plano das ações. As acusações de Jefferson ganham bastante espaço – em especial a fala “*Zé, saia rápido, senão vai fazer réu um homem bom, inocente [o presidente Lula]*”, reproduzida diversas vezes pelo jornal –, mas sempre com a aura de descrédito conferida pelo fato de o acusador não apresentar provas. “[...].. *Jefferson deverá usar o Conselho de Ética da Câmara como palco para aumentar a carga sobre as denúncias de suposto envolvimento do ministro da Casa Civil, José Dirceu, no esquema de recolhimento de dinheiro de estatais para pagar mesadas a parlamentares.*” (O GLOBO, 13 jun, p.3, grifo nosso) Nota-se, no texto, a desconfiança do jornal em relação às acusações feitas por Jefferson, em especial pelo uso das palavras *palco* – lugar de representações, de faz-de-conta – e *suposto envolvimento*.

Em relação às acusações de Jefferson, vale, ainda, ressaltar que, no primeiro momento, se restringem a dizer que Dirceu “sabia” do esquema. Dias depois, quando Dirceu já deixara a Casa Civil, evoluem para “*chefe do maior esquema de corrupção que vi nos últimos anos*”. (O GLOBO, 18 jun, p.8) É interessante notar que, três dias antes desta última afirmação, Jefferson teria listado, durante seu depoimento no Conselho de Ética da Câmara, os seis líderes do esquema. Dirceu não estava entre eles.

De modo geral, o jornal se limita a explicar a saída de Dirceu do Governo e sua posterior cassação por **denúncias** de *envolvimento*, de *conhecimento* ou de *liderança* do esquema de corrupção. Poucas são as vezes em que as possíveis ações criminosas de Dirceu que comprovariam essa sua atuação no Mensalão são explicitadas na narrativa. O jornal exhibe as denúncias de Jefferson: “*Ele acusou o governo pela corrupção nos Correios, citando os nomes de Sílvio Pereira, secretário-geral do PT, responsável pela partilha de cargos do governo federal, e de Dirceu*”; “*E revelou detalhes do crime eleitoral ao contar como negociou com a cúpula do PT o repasse de R\$ 20 milhões de caixa dois para custear campanhas do PTB em 2004*”; “*Relatou que depois, quando o restante do dinheiro não foi repassado, teria procurado José Dirceu para pedir ajuda na liberação das outras parcelas. Mas, segundo ele, o ministro disse que o PT estava com dificuldade de caixa porque a Polícia Federal havia prendido doleiros*”. (O GLOBO, 15 jun, p.3) E as da secretária do publicitário Marcos Valério de Souza:

“Fernanda Karina Ramos Somaggio citou negociatas que envolveriam o tesoureiro do PT, Delúbio Soares, o secretário-geral, Sílvio Pereira, o ministro José Dirceu e os ex-ministros Anderson Adauto e Pimenta da Veiga, este último do governo FH”. (O GLOBO, 15 jun, p.1). Não aprofunda, porém, a investigação sobre esses supostos atos de Dirceu.

No segundo momento da narrativa, surge, também, o relatório do Conselho de Ética da Câmara, em que o relator Júlio Delgado (PSB-MG) apresenta parecer favorável à cassação de Dirceu. Exposto de forma esquemática, o relatório é publicado por duas vezes e traz as principais indicações de culpa do ex-ministro: ligações com Marcos Valério, Delúbio Soares e sacadores de recursos; reuniões com diretores de bancos; benefícios para a ex-mulher Ângela Saragoça; e liberação de dinheiro para o PT e o PTB à mesma época da votação da medida provisória dos transgênicos. (*O GLOBO*, 30 nov, p.4, e 1º dez, p.10)

Em termos de volume, entretanto, as acusações factuais ocupam apenas uma chamada de capa, um quadro esquemático e três matérias de destaque, no dia 15 de junho, além das duas já citadas publicações esquemáticas do relatório.

2.3 – CULPA DE DIRCEU

Uma análise das personagens que ganham voz ou atuam a favor ou contra Dirceu revela que o jornal deu, nos períodos estudados, mais espaço para a manifestação de aliados do político do que a de seus opositores. Em uma contagem que considerou não apenas os discursos entre aspas, mas, também, a reprodução do discurso na forma indireta, e manifestações de elementos abstratos, como o Planalto, a oposição e os petistas, chegou-se ao seguinte resultado: 45 registros de manifestações a favor de Dirceu e 17 contra.

Não apenas pela diferença quantitativa, mas de conteúdo, percebe-se que o jornal oferece um amplo espaço para a defesa de Dirceu. Publica, na íntegra, seus discursos de saída do Governo e de defesa⁴ na tribuna da Câmara antes da votação em que teria seu mandato cassado, além da carta de demissão do cargo de ministro, entregue a Lula, e a de aceitação desse pedido, recebida do presidente.

⁴ Ver Anexo III

Quando o jornal oferece a versão aliada de que as acusações a Dirceu seriam uma estratégia da oposição para desestabilizar o Governo e o PT ao buscar envolvê-lo na crise, da oposição, surge, apenas, a voz do deputado Eduardo Paes (PSDB-RJ), integrante da CPI dos Correios, cuja única acusação a Dirceu é a de ter ligações com dois pivôs de crises: Delúbio Soares e Waldomiro Diniz. Em dezembro, a idéia é reforçada em matéria de alto de página com os seguintes título e subtítulo: *“Para petistas, decisão foi um ataque ao partido. ‘Os 293 votos contra Dirceu tiveram um caráter de disputa com o governo’, diz o tesoureiro do PT, Paulo Ferreira”*. (O GLOBO, 1º dez, p.5).

Ao recuperar o histórico de Dirceu até o momento de sua saída do Governo, o jornal aponta alguns de seus erros políticos, elementos que o teriam enfraquecido, mas parece isentá-lo de culpa pela crise de então: *“Por mais erros que tenha cometido, não foi dele a opção pela aliança montada no Congresso, que está dando em casos de corrupção e no suposto mensalão”*. (O GLOBO, 17 jun, p.8).

Por fim, vale destacar, ainda, dois pontos da cobertura que indicam uma tendência em favorecer a versão da inocência de Dirceu. O primeiro seria o “abandono” do político pelo Planalto às vésperas da cassação. *“Planalto abandona ex-ministro à própria sorte. Lula ordenou que governo não agisse em favor de Dirceu; houve apenas atos isolados de apoio a ministros”* são o título e subtítulo de matéria de alto de página, em que o jornal expõe a atitude do Governo nos momentos finais do processo de cassação de Dirceu. *“A ordem do presidente Lula, para que não houvesse ação de governo em favor de Dirceu, foi cumprida à risca pelos inquilinos do Planalto. O temor no núcleo do governo era de que uma eventual operação tivesse um reflexo negativo para o próprio Lula.”* (O GLOBO, 1º dez, p.11).

O jornal enfatiza a inação dos integrantes do Governo – o ministro Jacques Wagner teria cancelado *“ida ao Congresso para despachar com parlamentares, agenda que cumpre todas as quarta-feiras (sic), para evitar conotação de que havia operação do Planalto”*. (O GLOBO, 1º dez, p.11). Mas não deixa de citar que havia muitos amigos de Dirceu na Câmara que estariam atuando em seu favor e que o Governo Lula não estava contra o político. *“Amigo de Dirceu e defensor de sua absolvição no processo contra o ex-chefe da Casa Civil, o ministro das Relações Institucionais, Jacques Wagner, negou qualquer ação do Planalto em favor do ex-ministro, mas reiterou que não havia provas contra ele.”* (O GLOBO, 1º dez, p.11).

O segundo ponto a ser destacado é a ênfase dada pelo jornal à reação dos oposicionistas após a cassação de Dirceu. “*Em clima de constrangimento, nem a oposição comemora a cassação*” é o título de matéria que diz que “*a avaliação da maioria é que a Câmara votou a contragosto pela cassação, em nome da autopreservação, do resgate da credibilidade da instituição, e atendendo ao clamor da sociedade.*” (O GLOBO, 1º dez, p.4). A avaliação do Conselho de Ética sobre o caso Dirceu, referendada pelo plenário por uma diferença de 101 votos, teria sido, segundo essa interpretação, uma decisão política da Câmara dos Deputados para mostrar à sociedade que aquela Casa estava punindo seus membros acusados de corrupção, sem deixar que mais um escândalo político terminasse “em pizza”.

Na matéria “*Adversários não celebram, aliados fazem luto*”, o então líder do PFL, Rodrigo Maia (RJ), “*lembrou que o resultado da sessão foi fruto de decisão da Casa, não da oposição*” e “*afirmou que não trabalhou pela cassação nem pediu votos no partido*”. (O GLOBO, 2 dez, p.8). Duas interpretações são possíveis para esse posicionamento. Por um lado, poderia reforçar a culpa de Dirceu, ao sugerir que não fora preciso nem mesmo o esforço da oposição para que o mandato do deputado fosse cassado. Por outro lado, poderia indicar que nem os opositores queriam para si o ônus dessa acusação. Essa interpretação se sustenta no fato, relatado pelo jornal, de que os oposicionistas não teriam comemorado o resultado e na indicação, em diferentes momentos da narrativa, de que não haveria provas suficientes contra Dirceu. O jornal faz referência à descrença da oposição em relação à capacidade de Roberto Jefferson de apresentar provas de suas acusações contra Dirceu: “*A oposição, por sua vez, aposta na contundência do discurso do presidente do PTB – também neste grupo poucos acreditam que tenha provas – para consolidar as denúncias contra o governo e o PT e aprofundar as investigações*”. (O GLOBO, 14 jun, p. 3)

Várias personagens que ganham voz na narrativa construída pelo jornal afirmam que a cassação teria sido, também, um ato de repressão ao histórico de militância de Dirceu. “*Foi uma grande injustiça. A cassação é resultado do trabalho histórico do Zé Dirceu. As forças reacionárias geralmente se aproveitam de momentos de fragilidade como este para agir – disse.*” (O GLOBO, 4 dez, p. 3) A fala é de Agonalto Pacheco, um dos presos políticos libertados em troca do então embaixador dos Estados Unidos, Charles Elbrick. Na matéria⁵ “*O desalento dos companheiros. Exilados com Dirceu em*

⁵ Ver Anexo IV

69 dizem que ele tomou rumo diferente, mas acham cassação injusta”, o jornal registrou a opinião de cinco dos 12 militantes que embarcaram em avião da Força Aérea Brasileira rumo ao México. Desses, outros três afirmam que a cassação teria se dado sem provas, sendo que um deles, o jornalista Flavio Tavares, defende que Dirceu teria sido “cassado por suas virtudes, não pelos defeitos”. “O Zé impediu que o Roberto Jefferson transformasse o IRB e os Correios em covil de suborno para o PTB.” (O GLOBO, 4 dez, p. 3) Exatamente o contrário da acusação que teria acarretado a cassação de seu mandato.

2.4 – CAPITAL SIMBÓLICO

Culpado, ou não, neste recorte da narrativa, Dirceu não perde todo seu *capital simbólico*. Este seria o reconhecimento, o prestígio e o respeito acumulados ao longo de sua vida política e que fazem com que outros atores da narrativa (aliados e opositores) acreditem que, apesar de fora do Governo e cassado, ele manteve sua “*capacidade de intervir no curso dos acontecimentos, de influenciar as ações e crenças de outros e, na verdade, de também criar acontecimentos, através da produção e transmissão de formas simbólicas*”, ou seja, seu *poder simbólico*. (THOMPSON, 2002, p.131)

É certo que não faltam exemplos que demonstram a redução de seu arsenal. “*Câmara expulsa ex-capitão de Lula*” é manchete de capa⁶ no dia seguinte à cassação. Vale perceber que o verbo expulsar conversa com a metáfora usada por Lula, “*capitão do time*”. (O GLOBO, 1º dez, p. 1) No futebol, a expulsão é a penalidade máxima dada ao jogador e chega a ser vergonhosa para um capitão, aquele que deveria ser o líder, o ponto de equilíbrio do time. A foto de capa traz Dirceu olhando para baixo, o que pode ser interpretado como sinal de introspecção, cansaço, desânimo, ou fraqueza. Em outro título, o mesmo verbo: “*Dirceu é cassado. Por 293 votos a 192, o ex-todo-poderoso do PT e do governo Lula é expulso pela Câmara*”. (O GLOBO, 1º dez, p. 3) A foto⁷ que acompanha a matéria ocupa o dobro de espaço do texto. Na legenda, “*O petista José Dirceu mostra sinais de cansaço na sessão que cassou seu mandato e seus direitos políticos [...]*”, e na própria imagem (Dirceu esfrega os olhos com as duas mãos, o que, por si só, poderia indicar cansaço ou choro), a indicação de perda na sua força e resistência para lutar.

⁶ Ver Anexo V

⁷ Ver Anexo VI

Por fim, na mesma edição que noticia a cassação, o jornal traz matéria⁸ de página inteira com o título “*O ocaso do ex-capitão de Lula*” e duas espécies de linha do tempo: uma com o histórico do declínio de poder de Dirceu e outra com sua trajetória de militância. Nesse caso, o jornal parece querer contrastar o histórico ascendente, de líder do movimento estudantil a chefe da Casa Civil, com a trajetória decadente, que começa com o caso Waldomiro Diniz e culmina com a cassação daquele dia. Duas interpretações são possíveis para essa construção. Por um lado, o jornal poderia querer ressaltar, de um ponto de vista moralista, a decepção que o líder, o capitão do time, teria trazido à equipe. Por outro, poderia tentar amenizar a queda do homem forte, ao reforçar sua trajetória de luta por um ideal.

Há, entretanto, muitas outras passagens que indicam a percepção de que a crise não teria sido suficiente para aplacar totalmente o poder simbólico de Dirceu. A fala do próprio político, por exemplo: “*Não vou deixar de fazer política. Hoje mesmo estou fazendo, já conversei com muita gente, recebi muita gente. A única questão é que não sou mais deputado*”. (O GLOBO, 2 dez, p. 3). Na matéria “*‘Não podemos prescindir de militante como Dirceu’. Suspensão de direitos políticos não impede filiação partidária. PT quer ex-presidente de volta*”, o jornal apresenta a opinião do partido de que, mesmo cassado, Dirceu teria ainda força no jogo político por sua militância. “[...] *queremos que ele se integre novamente à vida partidária – disse o secretário nacional adjunto de Organização do PT, Francisco Campos.*” (O GLOBO, 2 dez, p. 8). Ainda expressando a voz do partido de Dirceu, o jornal publica a matéria “*Petistas oferecem cargo a Dirceu no partido e preparam ataque a tucano*”, em que se percebe que Dirceu mantém capital político ao receber de dirigentes do PT a oferta para assumir seus postos de liderança. “*Ao chegar à reunião, o terceiro-vice-presidente do PT, Jilmar Tato, foi contundente: - Eu não sou do Campo Majoritário (corrente de Dirceu), mas se o Campo tiver qualquer dificuldade de ceder uma vaga, eu não tenho dificuldade de sair da executiva e dar essa vaga para José Dirceu.*” (O GLOBO, 3 dez, p. 4).

Na matéria “*Para oposição, Dirceu tentará dificultar a CPI*”, que tem no bigode a afirmação “*Deputados do PT e da base aliada dizem que o pedido de demissão foi um gesto de grandeza*”, percebem-se duas interpretações para o mesmo fato: a saída de Dirceu do Governo. Enquanto os aliados vêem no ato um “*gesto de grandeza*”, que indicaria um sacrifício por parte de Dirceu para defender o Governo, os

⁸ Ver Anexo II

opositores o interpretam como uma assunção de culpa e uma maneira de ficar livre para atuar nos bastidores impedindo o prosseguimento das investigações. De um jeito ou de outro, fica a idéia de que Dirceu não teria perdido todo seu poder simbólico, sua capacidade de influenciar os atores do jogo político: seja para convencê-los de sua inocência e diminuir a tensão sobre o Governo, seja para impedi-los de continuar a procurar provas para as acusações.

CONCLUSÃO

Ao final da análise desta narrativa, a impressão que se tem é a de que o jornal procurou fazer uma cobertura favorável a Dirceu, pois está subjacente, na narrativa, a idéia de que ele não teria cometido as faltas de que fora acusado – devido ao amplo espaço disponibilizado para sua defesa – e de que teria sido sacrificado para proteger Lula, o PT e o Governo. A cassação teria sido *política e histórica*, e o fato de ele ter cometido, ou não, os crimes de que fora acusado não ganha tanto espaço na narrativa. Ao final do trecho selecionado para análise, o jornal destaca até mesmo a fala do antigo *algoz* de Dirceu – Herwin de Barros, ex-investigador do Departamento de Ordem Política e Social (Dops) responsável pela prisão de Dirceu no congresso da União Nacional dos Estudantes (UNE) e, hoje, advogado criminalista. Ele defende que a punição havia sido “*um linchamento político*”, baseado em “*indícios, conjecturas e presunções*”. (*O GLOBO*, 4 dez, p. 3). Essa percepção é coerente com a acusação feita por Jefferson, e que o próprio jornal destaca, de que Dirceu teria poder para influenciar o jornal *O Globo*.

Em sintonia com a caracterização de homem forte, todo-poderoso, está a constatação de que, mesmo fora do Governo e “expulso” da Câmara dos Deputados, José Dirceu não perde, na visão de outras personagens da narrativa – e, portanto, do próprio jornal – totalmente seu poder simbólico. Seu histórico de militância garante a ele o respeito dos colegas de partido – que o querem de volta – e da oposição – que teme que sua saída do Governo seja uma estratégia para que articule contra as investigações.

É certo que, em 2007, dois anos depois do início dos escândalos que levaram a sua cassação, Dirceu ainda não voltou à cena principal do cenário político brasileiro. O período de pausa para escrever um livro sobre os 30 meses na Casa Civil foi, entretanto, anunciado pelo político, logo após a votação. A julgar por este recorte da narrativa, não seria improvável uma volta de Dirceu ao palco político, fortalecido e com capital simbólico renovado.

Em relação ao posicionamento do jornal como narrador desta história, vale ressaltar a preferência, na edição de títulos e subtítulos, por inserir citações, entre aspas, de personagens da trama. A escolha pode indicar, além de estilo, uma vontade de se eximir da responsabilidade sobre a autoria dos comentários, em meio a uma crise rica em denúncias e escassa em provas. Indica também uma tendência a não noticiar fatos,

mas opiniões: o diz-que-me-disse que é a essência da política e tem sido a do jornalismo de denúncias.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGGEGE, Soraya. O mestre do pragmatismo que botou o PT e Lula lá. Apelidado de Rasputin da esquerda, Stalin do PT e Projeto de Golbery, ministro domou o partido com mão de ferro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2005, p.9.

AGGEGE, Soraya; e FREIRE, Flávio. Para petistas, decisão foi um ataque ao partido. ‘Os 293 votos contra Dirceu tiveram um caráter de disputa com o governo’, diz o tesoureiro do PT, Paulo Ferreira. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.5.

BARBOSA, Adauri A. ‘Não podemos prescindir de militante como Dirceu’: Suspensão de direitos políticos não impede filiação partidária. PT quer ex-presidente de volta. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2005, p.8.

BRAIT, Beth. **A personagem**. 6ª ed. São Paulo: Ática, 1998. 95 p.

BRÍGIDO, Carolina; e BRAGA, Isabel. Pertence vota hoje e Supremo pode adotar uma solução intermediária: Presidente do Conselho se encontra com Jobim para pedir solução logo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 30 nov. 2005, p.4.

CÂMARA expulsa ex-capitão de Lula: Dirceu é cassado por 293 votos a 192. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.1.

CAMAROTTI, Gerson; JUNGBLUT, Cristiane; e FRANCO, Ilimar. Planalto abandona ex-ministro à própria sorte. Lula ordenou que governo não agisse em favor de Dirceu; houve apenas atos isolados de apoio a ministros. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.11.

CRUVINEL, Tereza. Quando erros pesam mais que o sonho do poder: No primeiro ano de governo foi quase um primeiro-ministro, mas embates com Palocci e Aldo enfraqueceram ministro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2005, p.8.

DIRCEU cai após denúncias e vai se defender ‘na planície’: Depois de 30 meses, ele deixa a Casa Civil para ‘continuar governando o Brasil como deputado’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2005, p.1.

FARAH, Tatiana. Petistas oferecem cargo a Dirceu no partido e preparam ataque a tucano: Em nota, PT chama a cassação de seu ex-presidente de violência. **O Globo**, Rio de Janeiro, 3 dez. 2005, p.4.

FRANCO, Ilimar; e CAMAROTTI, Gerson. Dirce: ‘Lula, eu só errei numa coisa: deveria ter saído no caso Waldomiro. ‘Estou perdendo meu braço direito’, reagiu o presidente ao ouvir o discurso. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2005, p.5.

GALHARDO, Ricardo. O desalento dos companheiros: Exilados com Dirceu em 69 dizem que ele tomou rumo diferente mas acham cassação injusta. **O Globo**, Rio de Janeiro, 4 dez. 2005, p.3.

GOMES, Wilson. **Transformações da política na era da comunicação de massa**. São Paulo: Paulus, 2004.

GOVERNO quer mudar a pauta do Congresso: ‘É melhor Dirceu ser cassado logo, ele está no seu melhor momento. A situação dele pode piorar’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.11.

JEFFERSON dá nomes do mensalão e amplia as denúncias de corrupção: Deputado culpa Dirceu e Genoino, poupa Lula, mas assume crime e diz que tentou acordo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jun. 2005, p.1.

LIMA, Maria *et al.* O Dia D da crise: Governo monta tropa de choque para aguardar depoimento de Jefferson e definição da CPI. **O Globo**, Rio de Janeiro, 14 jun. 2005, O País, p.3.

LIMA, Maria. ‘Terça-feira negra’ tira o sono do governo Dia é decisivo: PT briga pelo comando da CPI e acompanha depoimento de Jefferson.

LIMA, Maria; CAETANO, Valdez; e BRAGA, Isabel. Dirceu pode fazer Lula virar réu, diz deputado: ‘Ele me disse: não dá, a PF é tucana, meteram na cadeia 62 doleiros que internalizavam (traziam) o dinheiro’. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jun. 2005, p.12.

LIMA, Maria; CAETANO, Valdez; e BRAGA, Isabel. Jefferson confessa crimes, acusa Dirceu mas poupa Lula: Deputado admite ter deixado de declarar R\$ 4 milhões do PT à Justiça e também a ‘fabriquinha’ de dinheiro. **O Globo**, Rio de Janeiro, 15 jun. 2005, p.3.

LIMA, Maria; CAMAROTTI, Gerson; e BRAGA, Isabel. Dirceu é cassado: Por 293 votos a 192, o ex-todo-poderoso do PT e do governo Lula é expulso pela Câmara. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.3.

LIMA, Maria; e BRAGA, Isabel. ‘Já cumpri meu papel na política’: Na despedida da Câmara, Dirceu prevê que todos os outros acusados do PT serão cassados. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2005, p.3.

LIMA, Maria; e BRAGA, Isabel. Em clima de constrangimento, nem a oposição comemora a cassação: Avaliação da maioria foi de que Câmara atendeu à pressão da sociedade. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.4.

MEDEIROS, Lydia; e FRANCO, Ilmar. Adversários não celebram, aliados fazem luto: Clima no Congresso era de consternação com cassação de Dirceu, considerada uma derrota do PT e do governo. **O Globo**, Rio de Janeiro, 2 dez. 2005, p.8.

MOTTA, Luiz Gonzaga. A análise pragmática da narrativa jornalística, texto memeo, UnB 2007.

MOTTA, Luiz Gonzaga. Narrativa Jornalística e conhecimento imediato de mundo: construção cognitiva de história do presente. **Comunicação & Política** / Centro Brasileiro de Estudos Latino-Americanos, Rio de Janeiro, vol. 24, nº 3, p.46-69. set-dez 2006.

‘NÃO aceito e vou lutar até o fim da minha vida’: Em discurso de improviso de 41 minutos, Dirceu diz que sua biografia e sua história estavam em jogo no julgamento. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.8A.

O GOLBERY do presidente Lula: Eminências pardas do Planalto costumam atrair crises. **O Globo**, Rio de Janeiro, 17 jun. 2005, p.9.

O OCASO do ex-capitão de Lula. **O Globo**, Rio de Janeiro, 1º dez. 2005, p.10.

REIS, Carlos; LOPES, Ana Cristina M. **Dicionário de teoria da narrativa**. São Paulo: Ática, 1988. Série Fundamentos.

THOMPSON, John B. **Escândalo** político: poder e visibilidade na era dos meios de comunicação. 1ª ed. Petrópolis: Vozes, 2002. 328 p.

ANEXOS